

## A APLICAÇÃO DO ENSINO DE MÚSICA NO PROCESSO DE REABILITAÇÃO DO DEFICIENTE VISUAL

**Paulo Roberto de Oliveira Coutinho**

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Mestrado - Educação Musical

*SIMPOM: Subárea de Educação Musical*

### **Resumo**

Este estudo levanta algumas observações de resultados obtidos na aplicação do ensino de música no processo de reabilitação do deficiente visual no Instituto Benjamin Constant. Ensinando música para deficientes visuais que perderam ou estão perdendo a visão na fase adulta, percebemos melhor suas angústias, ansiedades e suas dificuldades atribuídas à perda da visão de forma repentina. O objetivo desta pesquisa é relatar de forma investigativa nossas estratégias propostas nas aulas de violão em grupo e nas aulas de musicalização, e como essas estratégias podem influenciar no aprendizado musical e na vida social desses reabilitandos. Como metodologia, desenvolvemos entrevistas semi-estruturadas para a coleta de dados juntamente com um levantamento bibliográfico de assuntos que giram em torno de nossa pesquisa. Destacamos nesse trabalho a proposta da pedagogia liberal renovada não- diretiva, uma das linhas pedagógicas apontadas por Libâneo, influenciada pela pedagogia da motivação desenvolvida por Carl Rogers, na qual trata justamente de um relacionamento entre professor/aluno, onde o professor é um agente facilitador e mediador de todo o processo. Dialogando com alguns autores da área da psicologia e da educação musical conseguimos nos apreender e investigar o processo de ensino e aprendizagem desses alunos, o que nos trouxe a tona alguns resultados como: uma maior procura pelas aulas de música; o violão como uma atividade de lazer fora das aulas; a forma de se expressar e se comunicar com a música nas aulas e nas apresentações; um sentimento de superação e busca pela auto-estima.

**Palavras-chave:** deficiente visual; musicalização; pedagogia da motivação; reabilitação.

### **O Instituto Benjamin Constant e a cegueira adquirida**

Hoje o Instituto Benjamin Constant - RJ - é uma referência, a nível nacional para questões de deficiência visual. Possui uma escola, capacita profissionais da área da deficiência visual, assessora escolas e instituições, realiza consultas oftalmológicas à população, reabilita, produz material especializado impressos em Braille e publicações científicas. O setor de reabilitação do Instituto é constituído por uma equipe de médicos, terapeutas, psicólogos e professores que se objetivam em reabilitar o indivíduo que por algum motivo patológico ou acidental, perde a visão na fase adulta.



**I Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música**

XV Colóquio do Programa de Pós-Graduação em Música da UNIRIO

Rio de Janeiro, 8 a 10 de novembro de 2010

Segundo Barczinski (2006), o tratamento de pacientes que perdem a visão na fase adulta é muito delicado tendo em vista o indivíduo apresentar problemas psicológicos devido à perda da visão.

Para uma pessoa com visão normal, a perda repentina de seu mais precioso sentido é muito difícil. Principalmente se considerarmos que em nosso mundo cada vez mais orientado visualmente, ninguém conta com a possibilidade de ficar cego. (BARCZINSKI, 2006, p.2)

Ainda de acordo com a autora, alguns psicólogos especializados neste assunto, estudam a vida psíquica desses indivíduos que perdem a visão na fase adulta levantando algumas questões de grande importância que nos ajudam a entender todo o processo de reabilitação desses indivíduos. Seus estudos relatam quatro fases distintas de reações psíquicas que ocorrem na vida do indivíduo que perde a visão.

Primeiro a descrença, quando os pacientes tendem a negar sua cegueira. Acreditam que voltarão a enxergar. Depois, a fase de protesto, quando eles vão procurar uma segunda opinião ou recusam-se a usar a bengala branca. Em terceiro lugar ocorre a depressão, com os sintomas clássicos de perda de peso, mudança de apetite, idéias suicidas e ansiedades paranóides. E por fim acontece a recuperação, quando os pacientes aceitam a cegueira num estágio em que não se percebe qualquer distúrbio psiquiátrico. (BARCZINSKI, 2006, p. 4)

Essas quatro etapas de reações à perda da visão percorrem na vida do indivíduo em um período estimado de dez meses. Nesse processo outras perdas vão se somando a vida desses deficientes. Segundo Carroll (1961), a perda da visão na fase adulta traz um choque psíquico, o que se chama de luto, e conseqüentemente outras perdas acabam se somando à cegueira na vida dessas pessoas. Algumas perdas podem ser destacadas como:

a perda da integridade física; a perda da confiança dos sentidos remanescentes; perda do contato real com o meio ambiente; perda da mobilidade; perda na facilidade da comunicação escrita; perda da percepção visual do agradável e do belo; perda da recreação; perda da carreira profissional; perda da segurança financeira [...]. (CARROLL, 1961, p.11 - 68.)

Amiralian (1997) também nos aponta que os efeitos da cegueira adquirida sobre o indivíduo estão em função de três fatores: “a fase de desenvolvimento em que se encontra o sujeito, a forma de instalação da cegueira (subida ou progressiva), e as condições pessoais e familiares do sujeito antes da ocorrência do problema” (AMIRALIAN, 1997, p.67).

Através de um contato mais próximo com esses deficientes visuais nas aulas de música foi possível perceber esses efeitos causados pela cegueira através da nossa própria vivência como professor em sala de aula.

### **Metodologia**

Diante da história de vida desses alunos e de todo o contexto, nos surgiu uma grande inquietude em querer desenvolver um trabalho que pudesse contribuir não só para um aprendizado musical, mas também para uma efetiva intervenção na vida social desses indivíduos. Houve a necessidade de se pensar no que poderia ser importante para esses alunos no ensino de música diante de todo esse quadro de perdas descrito anteriormente.

Como metodologia de pesquisa, realizamos primeiramente entrevistas semi-estruturadas com o objetivo de coletar dados da história de vida social e cultural dos alunos. Além das entrevistas, as conversas informais em sala de aula e nos corredores do Instituto contribuíram também para uma melhor idéia em torno de nossas ações em sala de aula. Juntamente com esta coleta de dados fizemos um breve levantamento bibliográfico para subsidiar e iniciar nossas reflexões nesta pesquisa.

Esse procedimento foi realizado juntamente com nossa prática em sala de aula. Assim, foi possível perceber com mais clareza, suas angústias e suas reais dificuldades devido a perdas sucessivas ocorridas em suas vidas. Diante desse quadro, procuramos descobrir qual seria a função da música na reabilitação desses indivíduos e como se ensinar música para esse público específico. Assim, buscamos a melhor forma de aplicar uma metodologia fundamentada em estratégias que pudessem ser adequadas para esses alunos. Uma metodologia que pudesse nos ajudar, como educadores, a entender a concepção de ensino de música que fosse viável a essas características apontadas.

### **Fundamentação Teórica**

De acordo com uma das linhas pedagógicas apontadas por Libâneo (1990) a pedagogia liberal renovada não-diretiva no relacionamento professor/aluno, tem o professor como um agente facilitador e mediador de todo o processo. O objetivo dessa relação é proporcionar o desenvolvimento pessoal do indivíduo na busca de sua auto-realização.

Os métodos usuais são dispensáveis, prevalecendo quase que exclusivamente o esforço do professor em desenvolver um estilo próprio para facilitar a aprendizagem

dos alunos. Sua função restringe-se a ajudar o aluno a se organizar, utilizando técnicas de sensibilização onde os sentimentos de cada um possam ser expostos, sem ameaças. (LIBÂNEO, 1990, p.27)

Essa corrente pedagógica levantada pelo autor vai de encontro com a pedagogia da motivação, na qual Rogers (1995) procura enfatizar o aprendizado ligado a auto-realização do aluno e como as respostas emotivas desse aluno se desenvolvem no processo de aprendizado. O autor concorda que uma diversidade no ambiente de aprendizado pode estimular a motivação e facilitar a aquisição de novos conhecimentos.

... o professor confia basicamente na tendência auto-realizadora de seus alunos. A hipótese que partiria é de que os estudantes que estão em contato real com os problemas da vida procuram aprender, desejam crescer e descobrir, esperam dominar e querem criar. Sua função consistiria no desenvolvimento de uma relação pessoal com seus alunos e de um clima nas aulas que permitissem a realização natural dessas tendências. (ROGERS, 1995, p.151)

Esses apontamentos citados se aproximam de nossas propostas aplicadas nesse estudo. Buscamos em todo momento facilitar o processo de ensino e aprendizagem e ao mesmo tempo mostrar pequenos desafios onde o aluno se sinta motivado e realizado com a conquista de seus objetivos. Essa motivação nos aponta para uma estreita relação entre o envolvimento e o prazer despertados pelos alunos e as atividades desenvolvidas em sala de aula. De acordo com esse raciocínio, aborda-se que, é a partir do estabelecimento de metas que direcionam as atividades do indivíduo, que os componentes afetivos da motivação geram o estado de fluxo, ou seja, um profundo envolvimento pessoal nas atividades.

Quando o indivíduo alcança o estado de fluxo, por meio do equilíbrio entre os desafios propostos e suas habilidades, ele tem sua energia psíquica totalmente focalizada e concentrada na atividade em execução. (ARAÚJO, 2009, p. 123).

### **As aulas de música na reabilitação**

Ao notar essa motivação e o envolvimento com a música em sala de aula resolvemos adotar algumas estratégias para tornar o estudo prazeroso, considerando as preferências musicais dos alunos, revisando e reforçando elementos já estudados anteriormente e procurando sempre que possível capturar o interesse e o entusiasmo de cada um.

Nas aulas de violão em grupo, todas as técnicas de dedilhado, orientação da postura de mãos esquerda e direita e a memorização dos acordes são inseridas por meio das próprias músicas trazidas pelos alunos em aula. Por não terem desenvolvido ainda as técnicas para a leitura e escrita

Braille, solicitamos que cada aluno adquira um gravador portátil de modo que consiga gravar o que está sendo desenvolvido em aula. Assim, munidos do gravador em suas casas, os alunos podem escutar a forma certa de se tocar e dedilhar os acordes, memorizar os encadeamentos desses acordes e a melodia da canção sugerida em aula.

Nas aulas de musicalização fazemos uso de alguns instrumentos de percussão que disponibilizamos na sala de aula, sendo eles: pandeiros, caxixi, ganzá, surdo, pau de chuva e outros. O violão, a flauta doce e o piano se tornam instrumentos de apoio utilizados por mim, o professor, para a realização das atividades.

Nosso objetivo nas aulas de musicalização assim como as aulas de violão, é fazer com que as canções abordadas em aula sejam sugeridas pelos alunos tornando-se o centro do trabalho. Os conteúdos musicais são inseridos dentro deste processo. Buscamos em todo o momento um trabalho prático que resulte sempre no ato de se produzir música em sala de aula e que essa produção possa gerar apresentações musicais realizadas em datas festivas do Instituto e também ao final do ano no encerramento das atividades.

De acordo com Paz (2000), o desenvolvimento da percepção auditiva; o desenvolvimento da concentração e da capacidade de coordenação do movimento e do pensamento são algumas das propostas de grandes educadores como Dalcroze e Orff. Esses elementos são indispensáveis para o fazer musical de qualquer aluno, no caso dos deficientes visuais, percebemos que esses fundamentos os ajudam no desenvolvimento da orientação e mobilidade na rua ou em outros espaços. Por isso investimos constantemente no estudo dos parâmetros sonoros, auxiliando e estimulando a escuta a partir dos sons que são ouvidos no dia a dia, fazendo uma comparação com os sons que são produzidos em aula. Elementos como, frequência, timbres, volume, e principalmente o ato de organizar esses sons, são discutidos por todos em nossas aulas.

Schafer (1991) em seu livro “O ouvido pensante”, descreve o seu trabalho com algumas turmas, essa questão dos sons que estão em nossa volta e como diferenciamos como os que são música e os que não são. O autor usa a palavra *organizada* para se discutir e encontrar uma definição para o que venha a ser música. Assim ele define: “Música é uma organização de sons (ritmo, melodia etc.) com a intenção de ser ouvida”. (SCHAFER, 1991, p.35)

Notamos em nesta pesquisa que, para esses alunos que não contam com o campo visual, se faz mais necessário estarem conectados com a escuta e com a intenção de se organizar os sons de modo que assim encontrem um caminho para se produzir música.

## Resultados

Em um ano de pesquisa conseguimos levantar alguns resultados observados em todo o período. Destacamos abaixo os seguintes resultados:

- Depois da apresentação no final do ano de 2009, a procura pela atividade de música no setor de reabilitação aumentou.
- Alguns alunos que estudam violão desde o ano passado, hoje mostram nas próprias aulas algumas músicas ou trechos de músicas que conseguem “tirar” de ouvido em suas casas. Acreditamos que o uso do gravador em aula e também em casa foi um fator determinante para esse resultado.
- Como já foi relatado neste trabalho, a perda da recreação é um dos danos que se instalam por algum momento na vida dessas pessoas. De acordo com esse dado, hoje conseguimos ouvir em conversas informais, relatos de alunos que admitem que se pudessem ficariam o dia inteiro tocando violão em casa. Constatamos com essa informação uma estreita relação de bem estar entre a música, por intermédio do instrumento, e alguns alunos.
- Apontamos o caso de um aluno que ficou completamente cego há dois anos, e que hoje consegue interagir com sua filha de doze anos por meio do violão em casa. Algumas das canções aprendidas em aula são tocadas junto à filha que o acompanha com sua flauta doce. Esse depoimento foi coletado em sala de aula, quando o aluno aprendeu a tocar a música Asa branca (Luís Gonzaga) no violão.
- Alguns alunos que antes de perder a visão nunca tiveram a oportunidade de ter aulas de música, hoje conseguem cantar, se expressar e se comunicar com a música por meio das aulas e apresentações.
- Hoje conseguimos notar uma satisfatória evolução no que diz respeito à superação, ligada a presença de auto-estima e o sentimento de conquista pela realização de algumas atividades em sala de aula e nas apresentações.
- Observamos neste período que a arte de tocar, cantar, se ouvir e ser ouvido se apresentam como uma fonte indispensável para um caminho em direção a inclusão social.

## Considerações

Esses são os resultados observados em um período de um ano de pesquisa através de conversas informais, entrevistas, aulas, ensaios e apresentações ocorridas no Instituto com os alunos



em todo esse período. Neste processo me coloquei como um observador ativo participando dos ensaios, das aulas e das apresentações como um membro da turma, tocando e cantando com os alunos trocando informações, conteúdos e aprendendo com toda essa dinâmica de trabalho. Apesar de percebermos algumas dificuldades, o que nos parece normal em qualquer prática musical, notamos uma imensa satisfação dos alunos em fazer música. O entusiasmo de tocar e cantar em conjunto se apresenta como elemento fundamental para integração e socialização do todos, o que nos aponta um caminho para uma possível inclusão social.

A reabilitação de cada indivíduo depende também de outros fatores que são considerados determinantes para um bom desenvolvimento de cada reabilitando. A Declaração de Salamanca (1994) aponta princípios que norteiam as práticas inclusivas no processo de reabilitação das pessoas com necessidades especiais, a partir de abordagens específicas que busque o desenvolvimento, a integração e o bem estar social desses indivíduos.

A reabilitação de base comunitária deve desenvolver-se como parte da estratégia global relativa à educação e ao treino das pessoas com deficiência, numa relação desejável custo-benefício e ser considerada como um método específico no âmbito do desenvolvimento da comunidade, visando a reabilitação, a igualdade de oportunidades e a integração social de todas as pessoas com deficiência; assim, deve implementar-se através da cooperação dos esforços das próprias pessoas com deficiência, suas famílias e comunidades e dos serviços competentes de educação, saúde, formação profissional e acção social. (BRASIL, 1994, p. 18-19)

O documento sugere a necessidade de um compromisso com ações integradas entre o deficiente, a família e os serviços de educação e saúde, como uma forma de buscar desenvolvimento pleno desses alunos, ou seja, mesmo em um ambiente reabilitacional especializado, é preciso se posicionar frente à proposta de inclusão de modo que haja um compromisso com o fazer inclusivo. Consideramos neste sentido que estar incluído vai além de estar espacialmente aceito, é também sentir-se culturalmente acolhido. Percebemos no setor de reabilitação que o conhecimento generalizado dá ao deficiente visual elementos para que ele possa exercer sua cidadania, e possa lutar contra a resistência de fatores externos. Isso nos motiva cada vez mais em fazer um trabalho aplicado ao ensino de música para alunos da reabilitação.

Acreditamos que esses resultados observados podem apontar para caminhos e servir como fontes para futuras discussões e reflexões em torno desse assunto. A pesquisa ainda está em andamento e é parte de uma dissertação de mestrado. Não pretendemos nos esgotar com esse tema, pois estamos apenas iniciando uma pesquisa e continuaremos refletindo sobre o assunto, já que o

mesmo não exaure as possibilidades de continuar com o desejo e a curiosidade de buscar novas abordagens para o ensino de música.

### Referências bibliográficas

ARAÚJO, Rosane Cardoso de; LLARI, Beatriz. *Mentes e música*. Curitiba: Deartes; UFPR, 2009.

AMIRALIAN, Maria Lúcia Toledo Moraes. *Compreendendo o cego: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias*. São Paulo: Casa do Psicólogo, c1997.

BARCZINSKI, Maria Cristina de Castro. *Reações psicológicas à perda da visão. Estudo de casos de novos cegos e a assimilação da deficiência visual*. Fonte: [www.saci.gov.br](http://www.saci.gov.br), artigo publicado em 24/05/2006.

BRASIL. *Declaração de Salamanca e enquadramento da ação na área das necessidades educativas especiais*. Conferência mundial sobre necessidades educativas especiais: acesso e qualidade. Brasília, 1994.

CARROLL, Thomas J.; VENTURINE, Jurema Lucy; SILVA, Ana Amélia da (Trad.) *Cegueira: o que ela é, o que ela faz e como conviver com ela*. São Paulo: Fundação para o Livro do Cego no Brasil, 1961.

LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da Escola Pública: a pedagogia crítico social dos conteúdos*. São Paulo: Loyola, 1990.

PAZ, Ermelinda A. *Pedagogia musical brasileira no século XX: metodologias e tendências*. Brasília: Musimed, 2000.

ROGERS, Carl. *Tornar-se Pessoa*. Tradução Manuel Jose do Carmo Ferreira e Alvamar Lamparelli. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SCHAFER, R. Murray. *O ouvido pensante*. São Paulo: UNESP, 1991.

